

ALAN GREENSPAN
ADRIAN WOOLDRIDGE

CAPITALISMO NA AMÉRICA

UMA HISTÓRIA

Tradução de
CATHARINA PINHEIRO
Revisão técnica de
RICARDO DONINELLI

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11949-0

Seja um leitor preferencial

Record.

Cadastre-se em

www.record.com.br e

receba

informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



Greenspan:
Para minha amada Andrea.

Wooldridge:
Para minhas filhas nascidas na América, Ella e Dora.

SUMÁRIO

Introdução

- 1. Uma república comercial: 1776-1860**
- 2. As duas américas**
- 3. O triunfo do capitalismo: 1865-1914**
- 4. A era dos gigantes**
- 5. A revolta contra o Laissez-Faire**
- 6. O negócio da América são os negócios**
- 7. A grande depressão**
- 8. A era dourada do crescimento: 1945-1970**
- 9. Estagflação**
- 10. A era do otimismo**
- 11. A grande recessão**
- 12. Enfraquecimento do dinamismo americano**

Conclusão

Apêndice

Agradecimentos

Créditos dos gráficos e das tabelas

Notas

Índice

INTRODUÇÃO

Começemos esta história com um devaneio. Imaginemos que uma versão do Fórum Econômico Mundial tivesse sido realizada em Davos em 1620. Notáveis do mundo inteiro estão reunidos na aldeia alpina. Estudiosos chineses com seus quimonos de seda, aventureiros britânicos de gibão e colete, funcionários públicos turcos com turbantes e cafetãs... todos percorrendo os caminhos congelados, tropeçando com frequência, ou reunindo-se nas hospedarias e nos restaurantes, animados pelo álcool.

O tema da conferência é explosivo: quem dominará o mundo nos séculos seguintes? Todos querem defender seu canto no planeta. Você corre de um painel a outro (e depois cambaleia de uma festa a outra) para absorver a sabedoria de Davos.

Os chineses têm um argumento forte. Beijing tem uma população de mais de um milhão de habitantes, num período em que as maiores cidades europeias (Londres, Paris, Nice) não têm mais do que 300 mil. O servidor público imperial é selecionado a partir de um país imenso com base nos exames mais exigentes do mundo. Os estudiosos chineses compilaram uma enciclopédia de 11 mil volumes. Os navegadores chineses construíram os maiores navios do mundo.

Outros também têm fortes pontos a seu favor. Um turco gaba-se da expansão do Império Otomano, o mais importante de um arco de países islâmicos que vão da Turquia e Arábia à África Subsaariana e à

Ásia, para oeste, afirmando que ele logo terá a Europa sob seu comando. Um mogol afirma que seu império mistura pessoas de todas as raças e religiões em um coquetel de criatividade. Um espanhol declara orgulhosamente que a Espanha está varrendo tudo diante de si — abençoada pela única Igreja verdadeira, submeterá o resto da Europa ao seu domínio benigno e ampliará seu poder também à América Latina (onde uma grande reserva de ouro e prata financiará maiores expansões). Um bretão ousado apresenta o raciocínio mais improvável. Seu país minúsculo rompeu relações com um continente corrupto e rígido para desenvolver novas e dinâmicas instituições: um Parlamento poderoso, uma marinha forte (apoiada por alguns piratas) e uma nova espécie de organização, as companhias privilegiadas de comércio, que poderiam operar no mundo inteiro.

Em meio a toda a argumentação em Davos, uma região não é mencionada: a América do Norte. A região não passa de um espaço deserto no mapa — uma imensidão logo acima da América Latina, com seus metais preciosos, e entre os oceanos Atlântico e Pacífico, com suas rotas de comércio e arcas do tesouro de peixes. A vastidão é ocupada por aborígenes que não têm nenhum contato com o grupo presente em Davos. Há alguns europeus na Nova Inglaterra e na Virgínia — mas eles informam que a vida é difícil e que não há civilização. O continente norte-americano inteiro produz menos riquezas do que o menor principado alemão.

Hoje, os Estados Unidos compõem a maior economia do mundo: com meros 5% da população mundial, o país produz um quarto do PIB do globo, expresso em dólares americanos. A América* possui o padrão mais elevado de vida, com exceção de um punhado de países muito menores, como Catar e Noruega. Também domina as indústrias que inventam o futuro — robôs inteligentes, carros autônomos e drogas que prolongam a vida. A parcela de patentes do mundo detidas pela América aumentou de 10%, quando Ronald Reagan foi eleito, para 20% hoje.

A economia americana é tão diversificada quanto imensa. Os Estados Unidos lideram o mundo em uma série de indústrias — tanto de recursos naturais quanto de tecnologia da informação, tanto de papel quanto de biotecnologia. Enquanto muitas das principais economias do planeta estão perigosamente concentradas em uma cidade — especialmente o Reino Unido, mas também a Coreia do Sul e a Suécia —, os Estados Unidos contam com inúmeros centros de excelência — Nova York, para as finanças; São Francisco, para a tecnologia; Houston, para a energia; e Los Angeles, para o cinema.

O capitalismo americano é o mais democrático do mundo. Os Estados Unidos foram o berço das engrenagens do capitalismo popular, da produção em massa às franquias e aos fundos de investimento. Em muitos países, o capitalismo sempre foi associado a uma elite plutocrata. Na América, ele foi associado à abertura e à oportunidade, possibilitando a pessoas que nasceram na obscuridade ascender ao topo da sociedade e dando, a pessoas de todos os níveis, acesso a produtos e serviços antes limitados à elite. R. H. Macy, ex-capitão de pesca de baleias com uma das mãos tatuada, vendia “produtos dignos do milionário a preços ao alcance de milhões”. Henry Ford, filho de fazendeiro, anunciava o Modelo T como “um carro para o homem comum”. Amadeo Giannini, um imigrante italiano, fundou o Bank of America para oferecer os serviços bancários ao “homem simples”. Pierre Omidyar, outro imigrante, criou um bazar eletrônico, o eBay, para que pessoas comuns negociassem livremente.

A ascensão da América à grandeza foi marcada por inúmeras desgraças, entre as quais as principais foram o tratamento cruel dos povos aborígenes e a escravidão de milhares de afro-americanos. Entretanto, no contexto da história como um todo, foi extremamente positiva. A América não só proporcionou uma vida próspera aos seus próprios cidadãos, como exportou prosperidade na forma de inovações e ideias. Sem a intervenção da América na Segunda Guerra

Mundial, Adolf Hitler poderia ter dominado a Europa. Sem o compromisso inabalável da América com a Guerra Fria, a prole de Joseph Stalin poderia ainda estar no poder na Europa Oriental e talvez em grande parte da Ásia. O Tio Sam propiciou o arsenal de democracia que salvou o século XX da ruína.

Essa é uma história notável, mas com um porém: hoje, o crescimento da produtividade está praticamente estagnado. Tyler Cowen falou sobre uma “grande estagnação”. Lawrence Summers resgatou a expressão de Alvin Hansen “estagnação secular”. O estudo feito por Robert Gordon da economia americana desde a Guerra Civil chama-se *The Rise and Fall of American Growth* (Ascensão e queda do crescimento americano). A América está sendo derrotada pela China e outras potências emergentes em uma indústria após outra. O número de novas companhias sendo criadas alcançou um ponto baixo moderno. O mercado de trabalho está se tornando complexo. As regulações se multiplicam.

A América já se recuperou de decepções anteriores. Na década de 1930, o país sofreu uma das mais longas e profundas depressões da história. Depois, emergiu da Segunda Guerra Mundial como a maior economia do planeta. Nos anos 1970, foi castigada pela estagflação e sofreu com a competição com a Alemanha e o Japão. Nas décadas de 1980 e 1990, aproveitou oportunidades oferecidas pela tecnologia da informação e pela globalização para recuperar sua posição como economia mais dinâmica do mundo. Hoje, porém, ainda não está claro se conseguirá empreender o mesmo truque com sucesso.

Este livro conta a história mais notável dos últimos quatrocentos anos: como um grupo de treze colônias localizadas no meio do nada se transformou na economia mais poderosa que o mundo já viu. Também tenta usar lições da história para tratar da questão mais importante da nossa época: conseguirão os Estados Unidos preservar sua supremacia, ou sua liderança inevitavelmente passará para outras potências (quase com certeza menos liberais)?

UMA ÓTIMA ÉPOCA PARA COMEÇOS

Trezentos anos atrás, a América não era nada além de uma coleção de colônias de população esparsa na extremidade do mundo conhecido — uma ideia secundária para as mentes educadas e uma coadjuvante na política das grandes potências. Embora rica em recursos naturais, estava distante dos centros da civilização; embora imensa, era em sua maior parte inacessível. A América deve seu nascimento a uma série de golpes de sorte. A rebelião que deu origem aos Estados Unidos poderia não ter acontecido se o establishment britânico tivesse ouvido Edmund Burke e buscado uma política mais moderada. Os rebeldes eram beneficiários de uma guerra global entre os britânicos e os franceses. A luta pela independência teria falhado se George Washington não houvesse sido um grande líder. Os golpes de sorte continuaram se sucedendo após o nascimento do país. A compra do Território da Louisiana da França por Thomas Jefferson em 1803 duplicou o tamanho do país, acrescentando terras férteis, o rio Mississippi e o porto de Nova Orleans. A América comprou a Flórida da Espanha em 1821, anexou o Texas em 1845 e o Oregon em 1846, e com a vitória na Guerra Mexicano-Americana acrescentou a Califórnia em 1850.

A América teve sorte também com sua paternidade. Foi muito mais vantajoso ser a filha do país que produziu a Primeira Revolução Industrial e o primeiro governo parlamentarista do que, por exemplo, da Espanha ou da Bélgica. Até hoje, os americanos invocam os males da tirania monárquica e as virtudes da Revolução. No entanto, em muitos aspectos, a Revolução Americana não passou de uma meia revolução: a América herdou muitas das melhores tradições britânicas, de um governo limitado, passando pela *common law*, a um respeito pelos direitos individuais que, de acordo com o eminente historiador Alan Macfarlane, remonta ao século XIII.¹ A América envolveu-se em uma troca incessante de conhecimentos informais

com a Grã-Bretanha, importando imigrantes britânicos, que com frequência traziam consigo segredos industriais, e enviando americanos para visitar fábricas, siderúrgicas e exposições britânicas. Ela observava os modelos britânicos do mercado de ações, do comércio de commodities e da lei de patentes. Divididas por uma linguagem comum, a América e a Grã-Bretanha ainda assim estão unidas por uma cultura comum.

O maior golpe de sorte de todos foi o tempo. Os Estados Unidos nasceram na era do Iluminismo, quando velhas crenças estavam sendo repensadas e instituições estabelecidas, remodeladas. A luta sangrenta do país pela independência (1775-83) começou um ano antes da publicação da obra mais importante já escrita sobre a economia de livre mercado, *A riqueza das nações* (1776), de Adam Smith. Durante a maior parte do que se tem registro histórico, as pessoas haviam aceitado, e em alguns casos abraçado, uma sociedade estática e imprevisível. Desde o nascimento de Jesus até por volta de 1820, o crescimento econômico não passava de 0,11% ao ano, ou 11% por século, de acordo com Angus Maddison.² Um jovem vassalo vivendo no século XV podia esperar cultivar o mesmo lote de terra de seu senhor até que a doença, a fome, um desastre natural ou a violência o eliminasse. Também podia esperar que seus filhos e os filhos de seus filhos cultivassem esse mesmo lote.

Adam Smith promoveu a visão de uma sociedade dinâmica, em que a riqueza se multiplicasse e as oportunidades fossem abundantes. Com isso, deu um salto intelectual notável. Até então, as pessoas em geral consideravam a aspiração à realização do interesse próprio, na melhor das hipóteses, errada; e, na pior das hipóteses, um pecado. Smith argumentou que, contanto que se desse dentro dos limites da lei e da moralidade, a busca pela realização do interesse próprio só contribuía para o bem-estar de toda a nação.

Nenhum país abraçou mais completamente essa noção do que o país nascido logo depois da sua introdução por Adam Smith. O novo

país foi concebido durante uma revolta contra um regime mercantilista que acreditava que o sucesso econômico da nação era medido pelo tamanho de seu acúmulo de ouro, fruto das balanças comerciais positivas alimentadas por políticas protecionistas. A Constituição americana, escrita em 1787 e ratificada em 1788, determinou que todo o país fosse um mercado comum unificado sem tarifas ou taxas externas impostas ao comércio interestadual. A América foi o primeiro país nascido numa era de crescimento — na qual o problema econômico essencial era promover as forças da mudança em vez de dividir uma quantidade fixa de recursos.

A segunda força que moldou a América foi o maior antagonista do Iluminismo, a religião, em particular a religião protestante. Mais do que qualquer outro país, a América era filha da Reforma europeia. Enquanto a Igreja Católica encorajava seus membros a se relacionarem com Deus por intermédio do padre, a Igreja Protestante encorajava os fiéis a se relacionarem com Deus por intermédio da Bíblia. Os protestantes deveriam ler o Livro Sagrado em casa e chegar às suas próprias conclusões sobre os assuntos religiosos em vez de confiar na autoridade dos superiores. Os puritanos de Massachusetts fundaram escolas e universidades em uma escala sem paralelos em qualquer outro país. Uma lei de Massachusetts obrigava todos os chefes de família a ensinarem seus filhos a ler. “Depois que Deus nos levou em segurança para a Nova Inglaterra, e que construimos nossas casas, garantimos o necessário à nossa subsistência, edificamos lugares convenientes para adorar a Deus e instauramos o Governo Civil”, declarava uma carta de 1643 da Universidade de Harvard para a Inglaterra que é o primeiro exemplo conhecido de uma carta de fundação de uma universidade, “um dos próximos passos a que aspirávamos era promover o aprendizado e perpetuá-lo para a posteridade”.

A América teve ainda mais um fator de sorte em seus primeiros anos: os Fundadores perceberam que a única forma de prosperar em

um mundo móvel era estabelecer pontos fixos para guiar o caminho. Eles deram aos cidadãos um conjunto de direitos que o governo não podia violar, e uma Constituição que limitava o poder. Quanto mais se abria espaço para o poder do povo, mais era preciso garantir que o povo não abusasse de seu poder. E quanto mais se abria a porta para as paixões comerciais, mais era preciso se certificar de que os comerciantes não falsificassem dinheiro e não enganassem seus consumidores.

Os Fundadores injetaram direitos de propriedade no DNA do país. A frase de Thomas Jefferson sobre os “direitos inalienáveis” do homem à “vida, [à] liberdade e [à] procura pela felicidade” era uma reformulação da frase de John Locke no “Segundo Tratado” sobre o homem ter “por natureza o poder” de preservar “a vida, a liberdade e o Estado contra os danos e os ataques de outros homens”. A Constituição dividiu o poder em grande parte para proteger os proprietários da predação das massas ou de um ditador. A proteção vigorosa da propriedade não só encorajou o empreendedorismo interno, pois todos tinham uma certeza razoável de que poderiam manter seus ganhos, como também investidores externos a investirem seu dinheiro na América sob o argumento de que não teriam seu capital roubado e seus direitos contratuais ignorados.

A paixão da América pela proteção da propriedade estendeu-se aos herdeiros dos imigrantes. Os Fundadores incorporaram a proteção da patente no artigo I, seção 8, da Constituição. A América estendeu os direitos sobre a propriedade intelectual a pessoas que jamais poderiam tê-los na Europa, fixando a taxa paga pela patente em apenas 5% do montante cobrado na Grã-Bretanha. Também exigia que os inventores publicassem os detalhes de suas patentes a fim de que as inovações pudessem ser disseminadas, ainda que o direito de lucrar a partir de sua criação fosse protegido.

A preocupação com as patentes nos leva a outra vantagem: a América nasceu em uma era de negócios. O país foi fundado por

corporações empresariais, como a Virginia Company e a Massachusetts Bay Company. Os primeiros “homens livres” americanos eram, aliás, acionistas de companhias, e as primeiras “associações” foram assembleias gerais de companhias. Os americanos foram o primeiro povo a usar a palavra “negociante” no sentido moderno. No século XVIII, os ingleses usavam-na para se referir a pessoas envolvidas na vida pública: David Hume descreveu Péricles como um “negociante”. Na década de 1830, os americanos começaram a usar a expressão em referência a pessoas envolvidas em transações comerciais.³

A partir daí, eles reservaram o mesmo respeito aos negociantes que os britânicos reservavam aos nobres, os franceses, aos intelectuais, e os alemães, aos estudiosos. A disposição da América em “acrescentar algo de heroico à sua forma de fazer comércio”, como considera Alexis de Tocqueville, produziu um culto ao empreendedor. Os americanos eram defensores por instinto da ideia de Joseph Schumpeter de que os verdadeiros agentes da mudança histórica não eram os trabalhadores, como argumentara Marx, nem forças econômicas abstratas, como tendiam a sugerir os outros economistas, mas pessoas que construíam algo do nada, inventores como Thomas Edison, que deteve 1.093 patentes, e criadores de companhias como Henry Ford, Thomas Watson e Bill Gates.

A América não avançou através de uma linha reta após a Guerra da Independência. Em sua infância, a república estava dividida entre duas visões diferentes do futuro — a visão de Thomas Jefferson de uma república agrária descentralizada de pequenos produtores rurais e a visão de Alexander Hamilton (incrivelmente visionária) de uma república urbana com parques industriais promovendo o crescimento econômico e um banco poderoso irrigando a economia. A América também estava dividida entre duas economias completamente diferentes — a economia capitalista do Norte e a economia escravista do Sul. Essa divisão se tornou mais pronunciada com o tempo, à

medida que o Norte passou a investir cada vez mais em maquinário e o Sul passou a investir cada vez mais na plantação de algodão, tentando expandir o sistema escravista para novos territórios como o Kansas. A Guerra Civil acabou por definir qual versão da América seria mantida — e os Estados Unidos espalharam incansavelmente sua versão de uma civilização comercial por todo o continente.

OS ABASTADOS

A civilização comercial da América estabeleceu-se em um país que contava com uma abundância dos três grandes fatores da produção: capital, terra e trabalho. O setor bancário americano foi de 338 bancos com um total de 160 milhões em ativos em 1818 a 27.864 bancos com 27,3 bilhões em ativos em 1914. A América também se tornou a maior importadora de capital do mundo, particularmente do predecessor da América como sede do capitalismo, o Reino Unido. O território oficial do país continuou crescendo rapidamente na primeira metade do século XIX, passando de 864.746 m² em 1800 para 2.940.042 em 1850. Os americanos compraram 400 milhões de acres de território virgem sob cultivo entre o fim da Guerra Civil e o início da Primeira Guerra Mundial — um lote de terra que corresponde a quase o dobro da Europa Ocidental.

Essas terras continham uma vasta reserva de recursos naturais. A América possui mais quilômetros em rios navegáveis do que o resto do mundo junto. Os maiores desses rios — Missouri, Ohio, Arkansas, Tennessee e, é claro, o gigante Mississippi — fluem diagonal, e não perpendicularmente, moldando o país em uma unidade geográfica natural.⁴ Os Montes Apalaches, que se estendem da Pensilvânia ao Kentucky e às montanhas da Virgínia Ocidental, estão cheios de carvão. Montana é tão rica em metais preciosos que seu apelido oficial é Estado do Tesouro. A Cordilheira de Mesabi, em Minnesota, está cheia de minério de ferro. O Texas fica sobre um lago de petróleo

(lago este que hoje está crescendo, graças à invenção do fraturamento hidráulico). O Meio-Oeste é uma tigela de trigo.

É fácil ver o impacto da riqueza de recursos na história americana. Podemos vê-lo na sucessão de febres por commodities — mais notavelmente, a corrida do ouro de 1849 e os booms do petróleo do início das décadas de 1900 e 1950 — que varreram o país. Podemos vê-lo em setores exportadores gigantes como o do trigo. Mas um dos impactos mais importantes foi invisível: a América não sofreu com os limites de recursos que atrasaram o crescimento em outros países. De 1890 a 1905, quando a indústria americana do aço explodiu, a participação de Minnesota na produção de ferro do país subiu de 6% para 51%, e o preço interno dos minérios de ferro caiu pela metade, garantindo que os magnatas do ferro do país pagassem muito menos pela matéria-prima do que seus concorrentes britânicos.

A América também era um ímã de pessoas. A América Colonial teve uma das maiores taxas de natalidade do mundo, graças à abundância de terras e à escassez de trabalho. O crescimento populacional acelerou ainda mais quando a América começou a atrair pessoas do exterior. No século XIX, a população foi multiplicada por um fator de quase 15, passando de 5,3 para 76 milhões, um total maior do que o de qualquer país europeu, com exceção da Rússia. Em 1890, 80% dos cidadãos de Nova York eram imigrantes ou filhos de imigrantes, assim como 87% dos de Chicago.

Uma proporção formidável dos heróis do empreendimento americano era composta por imigrantes ou filhos de imigrantes. Alexander Graham Bell e Andrew Carnegie nasceram na Escócia. Nikola Tesla, o descobridor da corrente alternada, era sérvio. George Mitchell, inventor do fraturamento hidráulico e um dos homens de negócios mais influentes das últimas décadas, era filho de um pastor de cabras grego.

Ao chegarem ao país, os colonizadores gozavam de uma mobilidade incomum: depois de terem crescido em países onde a terra

era um recurso escasso, eles foram tomados por um misto de apego à terra e ânsia de viajar ao perceberem que a terra era abundante. Esse vício pela mobilidade sobreviveu à criação de uma civilização mais próspera: no estudo *Middletown* — sobre Muncie, Indiana, uma típica cidade no Meio-Oeste —, Robert e Helen Lynd descobriram que os americanos tornaram-se móveis com o passar do tempo, com 35% das famílias tendo se mudado em 1893-98, e 57% em 1920-24. Nas décadas que se seguiram ao ano de 1900, milhões de americanos negros fugiram da servidão como arrendatários no Sul para cidades industriais do Norte que estavam em franco crescimento, como Detroit e Chicago. (A partir da década de 1980, esse fluxo se inverteu, com milhões de pessoas de todas as cores deixando o Cinturão da Ferrugem pelo próspero Cinturão do Sol.)

Na segunda metade do século XIX, o país combinou suas diversas vantagens — cultural, demográfica, política e geográfica — para se transformar na maior economia do mundo. Ferrovias costuravam o país para formar o maior mercado mundial: em 1905, 14% das linhas férreas passavam por uma única cidade americana, Chicago. A América produziu as maiores corporações do planeta: a U.S. Steel, formada em 1901, primeira companhia de um bilhão de dólares, empregava cerca de 250 mil pessoas. A América fez mais do que qualquer outro país para transformar duas novas tecnologias — a eletricidade e o motor de combustão interna — em uma cornucópia de bens de consumo: carros, caminhões, máquinas de lavar e rádios.

COMO ENRIQUECER

Para fins de organização, três temas serão o foco deste livro: produtividade, destruição criativa e política. A produtividade descreve a capacidade da sociedade de obter maior produção a partir de um dado insumo. A destruição criativa define o processo que promove o crescimento da produtividade. E a política lida com os efeitos

colaterais da destruição criativa. O primeiro é uma questão econômica técnica. O segundo é uma questão econômica que também toca em alguns dos problemas mais profundos da filosofia social. E o terceiro nos leva para longe do mundo dos gráficos e números, ao mundo da política prática. Qualquer um que considere a história econômica como uma história sem relação com a política está lendo o livro errado.

A produtividade é a medida fundamental do sucesso econômico.⁵ O nível da produtividade determina o padrão médio de vida em uma sociedade e distingue os países desenvolvidos dos países em desenvolvimento. A métrica mais usada é a produtividade do trabalho, medida pela produção (medida em valor adicionado) por hora trabalhada. Dois grandes determinantes do nível da produtividade do trabalho são o montante de capital (instalações e equipamento) empregado na produção e o número de horas que as pessoas trabalham, de acordo com seu nível de educação e capacidade.

Nos anos 1950, “economistas do crescimento” liderados por Moses Abramovitz e Robert Solow descobriram que o crescimento total do PIB excede o que os investimentos de capital e trabalho geram. Eles chamaram o excedente inesperado de produtividade multifatorial (PMF) ou de produtividade total dos fatores. O coração da PMF está na inovação. Ela surge, principalmente, de inovações aplicadas aos investimentos de capital e trabalho.

O problema do cálculo do PIB e da PMF ao longo de grandes períodos é que, quanto mais voltamos no tempo, mais difícil é encontrar estatísticas sólidas. O governo americano só começou a coletar dados sistemáticos para as Contas Nacionais na década de 1930, contando com a experiência de Simon Kuznets, da Universidade Stanford e da Agência Nacional de Pesquisa Econômica. Para dados anteriores, os historiadores precisam recorrer ao censo decenal, que começou a ser feito na década de 1790. Eles complementam os dados oficiais do censo com informações de diversas fontes sobre produção

industrial, colheitas, rebanhos e horas trabalhadas. Porém, conforme apontado por Paul David, os dados referentes ao período anterior à década de 1840 não são muito precisos. Apesar dessas limitações, uma legião de historiadores econômicos construiu um histórico estatístico relativamente útil do PIB, tanto nominal quanto real, dos primeiros anos da república (ver Apêndice).⁶ Lançaremos mão desse trabalho ao longo do livro.

DESTRUIÇÃO CRIATIVA

A destruição criativa é a principal força por trás do progresso econômico, o “vento perene” que leva negócios — e vidas — consigo, mas que, nesse processo, cria uma economia mais produtiva. Com raras exceções, a única maneira de aumentar a produção por hora é alocando os recursos da sociedade em áreas onde eles produzirão os maiores retornos — ou, em linguagem mais formal, dirigir a poupança nacional bruta (somada à poupança externa) para financiar tecnologias de ponta e organizações. A criação e a destruição são gêmeas siamesas. O processo envolve a substituição de ativos antes produtivos e os postos de trabalho associados a eles por novas tecnologias e pelos empregos que elas criam. Foi assim que a nova tecnologia do aço de 1855 de Henry Bessemer substituiu a produção anterior de aço, mais custosa.

O mundo deve a ideia da destruição criativa a Joseph Schumpeter e à sua grande obra *Capitalismo, socialismo e democracia* (1942). “O processo da destruição criativa é o fato essencial do capitalismo”, argumentou Schumpeter. “É nisso que o capitalismo consiste e no que deve se concentrar a preocupação de todo capitalista.”** Entretanto, apesar de toda a sua genialidade, Schumpeter não foi além de metáforas, ainda que brilhantes, para produzir uma teoria coerente da destruição criativa. Assim, economistas modernos tentaram complementar suas ideias e transformar metáforas em conceitos que

comportassem realidades políticas, ou seja, o mundo como ele é.

Não há lugar melhor para estudarmos esse vento perene do que a América do final do século XIX, quando o país produziu uma multidão de titãs dos negócios que reorganizaram indústrias inteiras em um palco continental. Foi um período em que o governo federal se concentrou predominantemente na proteção dos direitos de propriedade e na garantia da execução dos contratos em vez de tentar “domar” o processo da destruição criativa. Graças à inovação incansável, o custo unitário (uma medida substituta para produção por hora) do aço Bessemer sofreu uma redução notável, com uma queda de 83,5% do preço no atacado entre 1867 e 1901. E o aço barato desencadeou um ciclo de melhorias: os trilhos de aço duravam dez vezes mais do que os trilhos de ferro forjado, aumentando apenas modestamente o preço, o que permitia que mais pessoas e produtos pudessem ser transportados pelas vias férreas por menos dinheiro. Uma série semelhante de melhorias em quase todas as áreas da vida dobrou a qualidade dos padrões de vida em uma geração.

A forma mais óbvia de promover a destruição criativa é produzir máquinas mais poderosas. Um número impressionante de máquinas que revolucionaram a produtividade parece engenhocas improvisadas. A debulhadeira de Cyrus McCormick, descrita pelo *Times* londrino como uma cruz entre uma máquina voadora e um carrinho de mão,⁷ ajudou a produzir um aumento de 500% na produção por hora do trigo e de 250% na produção do milho da sua invenção em 1831 até o final do século XIX. No processo, ajudou a substituir até um quarto da força de trabalho agrícola do mundo. Em 1800, um fazendeiro que trabalhasse duro com uma foice só conseguia colher um acre em um dia. Em 1890, dois homens usando dois cavalos conseguiam cortar, reunir e amarrar 30 acres de trigo no mesmo intervalo de tempo. A máquina de costura, inventada em 1846 e produzida em grande escala na década de 1870, aumentou a produtividade em mais de 500%. As novas máquinas de contagem permitiram que o censo de 1890 fosse

compilado em menos de um ano, em contraste com uma estimativa de treze anos para o de 1880. Os teletipos, que surgiram em 1910, substituíram entre 80% e 90% dos operadores de código Morse até 1929.

Processos de negócios melhores são tão importantes quanto máquinas melhores. A produção em massa pode ter sido a maior contribuição da América para a produtividade humana. Na Europa do século XIX, a produção de sistemas complicados como armas ou relógios continuava nas mãos de artesãos individuais. Na América, Eli Whitney e outros inovadores dividiram a produção mecanizada em partes padronizadas. Em 1913, Henry Ford acrescentou a linha de montagem, que criou empregos. O sucesso americano na produção de máquinas melhores e em processos de produção mais fáceis foi reconhecido até mesmo pelos intelectos mais toscos. Stalin descreveu a América como um “país de máquinas”.⁸ Hitler afirmou que o nazismo era o “Fordismo mais o Führer”.

Essas grandes forças são complementadas por outras mais sutis. A mais importante são informações melhores. Nos últimos anos, nós nos acostumamos tanto a ter acesso à informação em tempo real que a naturalizamos como o ar que respiramos. Contudo, na maior parte da história humana, a aquisição da informação foi algo tão custoso que as pessoas com frequência operavam no escuro. A Batalha de Nova Orleans, o último grande conflito da Guerra de 1812, que transformou Andrew Jackson em herói nacional e levou as vidas de setecentos soldados britânicos, ocorreu duas semanas depois de a guerra ter sido encerrada pelo Tratado de Gante.

O *Journal of Commerce*, publicado pela primeira vez em 1827, tornou-se uma fonte indispensável da cobertura do comércio ao empregar escunas em águas profundas para interceptar os navios que chegavam antes de aportar. O telégrafo de Samuel Morse, cuja primeira demonstração se deu em 1844, reduziu a segundos o tempo em potencial que levava para transmitir informações. A comunicação

por telégrafo da Western Union chegou ao litoral em 1861 em Fort Laramie, Wyoming. O transporte transcontinental de carga e de pessoas tornou-se uma realidade apenas alguns anos depois, em 1869. A cavilha de ouro foi fixada em uma cerimônia em Promontory Summit, Território de Utah, ligando as ferrovias Union Pacific e Central Pacific, com a adição de novas linhas telegráficas. A inauguração do cabo transatlântico (após vários adiamentos) em 1866 finalmente criou a comunidade financeira transatlântica, com comerciantes em Nova York, São Francisco e Londres comunicando-se em tempo real.

A revolução da informação eliminou todos os tipos de ineficiência e incerteza que antes atrasavam as transações comerciais. Varejistas podem encomendar novos produtos assim que os antigos deixam as prateleiras. Fornecedores podem manter uma supervisão constante da cadeia de abastecimento. A comunicação instantânea entre o balcão de venda e o chão de fábrica, e entre as transportadoras e os caminhoneiros responsáveis pelo transporte da carga, reduz o tempo de entrega e elimina a necessidade de manutenção de grandes inventários de estoque parado.

Um segundo aspecto da destruição criativa é a redução dos custos de insumos básicos da economia. O que fez de Andrew Carnegie e John D. Rockefeller heróis da destruição criativa foi que, combinando uma organização superior à inovação incansável, eles reduziram o custo dos insumos econômicos básicos do aço e da energia, respectivamente, disseminando preços menores e recursos mais abundantes por toda a economia.

O terceiro é o uso mais eficiente desses insumos. Nos dias gloriosos do poder industrial americano, as pessoas mediam o sucesso em termos do tamanho das fábricas ou da altura dos arranha-céus. Com o tempo, o tamanho tornou-se uma medida cada vez mais irrelevante do vigor econômico: a quantidade de materiais necessários para se chegar a uma dada unidade de produção diminuiu nas últimas

décadas. O desenvolvimento dos circuitos integrados nos permitiu colocar mais funções em dispositivos eletrônicos elegantes. Avanços na ciência dos materiais nos levaram a carros mais leves (por cavalo de potência) e construções mais eficientes. De acordo com as nossas estimativas, a redução dos materiais usados por dólar do PIB real levou à adição de 0,26 ponto percentual por ano ao crescimento do PIB real entre 1879 e 2015, o que significou um aumento de 40% do PIB real até 2015. Os ganhos anuais foram notavelmente maiores de 1879 a 1899, quando a eficiência acrescentou 0,52 ponto percentual por ano ao crescimento do PIB real. Isso levou a um aumento de 10,6 pontos percentuais no nível do PIB real em 1899.

Um aspecto adicional da destruição criativa é a redução nos custos de transporte. Uma chapa de aço conformada a frio vale mais em um carro localizado em uma revendedora do que saindo de uma siderúrgica em Pittsburgh. Conseqüentemente, a melhoria dos transportes produz dois benefícios óbvios: permite que os empresários reúnam os fatores de produção com mais facilidade e levem os frutos da combinação desses fatores, os produtos finais, aos consumidores mais rapidamente. Nos primeiros anos da república, as melhorias na produtividade eram limitadas pela velocidade dos cavalos ou dos navios. Melhores estradas e aprestos de navio produziam apenas pequenos aumentos da produtividade, já que as patas dos animais e as velas dos barcos não podiam se mover mais rápido. A produtividade aumentou quando os navios a vapor substituíram as embarcações movidas à vela, não só porque os navios a vapor eram mais rápidos em hidrovias, mas também porque podiam navegar contra a corrente. A ferrovia transcontinental reduziu tempo necessário para transportar pessoas e produtos de um lado a outro do continente de seis meses para seis dias.⁹ A adição de linhas locais gradualmente conectou uma proporção maior dos recursos humanos e físicos do país em uma ferrovia nacional, aumentando dramaticamente o fluxo de pessoas e produtos por todo o país. Automóveis e estradas acabaram por

suplantar as ferrovias, pois são mais fluidos e flexíveis: podem levar produtos até a porta da sua casa, e não só até a ferrovia local. A revolução da miniaturização reduziu ainda mais os custos do transporte: a indústria dos computadores é inerentemente mais global do que, digamos, a indústria do concreto, pois é muito mais fácil transportar as leves e preciosas peças de computadores de uma parte do mundo a outra.

Uma quinta fonte de aumento da produtividade é a localização. No atual mundo aplainado das cadeias globais de abastecimento e das comunicações instantâneas, tendemos a esquecer o que era completamente evidente para os nossos ancestrais: que uma localização inteligente pode aumentar a produtividade. Empresários faziam fortunas simplesmente construindo moinhos perto de quedas-d'água (que forneciam energia gratuita), ou fixando fábricas perto de rios (que ofereciam transporte gratuito), ou por uma disposição inteligente de suas instalações. A mesma lógica de aumento de produtividade se aplica a frações de um centímetro da mesma forma que se aplica a metros ou quilômetros. No século XIX, empresários criavam valor econômico construindo uma ferrovia para trazer minérios de ferro da Cordilheira de Mesabi, em Minnesota, e carvão da Virgínia Ocidental para as fornalhas de Pittsburgh, onde eram combinados para a produção de aço. Hoje, eles criam valor econômico encaixando chips de silício cada vez menores, cada vez mais comprimidos, em circuitos integrados para produzir concentrações cada vez maiores de capacidade computacional.

A ASTÚCIA DA HISTÓRIA

No mundo real, a destruição criativa raramente opera sob a lógica suave da lei de Moore. Pode levar um longo período de tempo para que uma nova tecnologia mude a economia: a disseminação do telégrafo de Samuel Morse foi dificultada pelo tamanho do país e pelo

terreno. Embora os cabos de telégrafo tenham rapidamente coberto a Costa Leste e as partes mais densamente habitadas da Costa Oeste, dando às pessoas acesso a comunicação quase instantânea, o centro do país permaneceu imerso num vácuo da informação. No final dos anos 1850, levava-se mais de três semanas para transmitir uma mensagem de uma costa à outra por uma combinação de telégrafo e diligências. Às vezes, velhas tecnologias podem funcionar em conjunto com tecnologias novas: a partir da década de 1960, o Pony Express, com seus cavaleiros alternando de cavalos, para que os animais não se cansassem demasiadamente, reduziu o tempo necessário para mandar uma mensagem de um lado a outro do país para menos de dez dias.¹⁰ Os pôneis eram muito mais flexíveis do que métodos mais avançados de transporte como carroças ou trens — as ferrovias não podiam subir ravinas íngremes ou passar por caminhos estreitos.

Como sugere a menção do Pony Express, novas tecnologias podem, com frequência, reforçar tecnologias antigas. A revista *Nation* abordou o paradoxo da popularidade do cavalo na era do vapor em outubro de 1872:

Temos falado há tantos anos da ferrovia, do barco a vapor e do telégrafo como os grandes “agentes do progresso”, que quase ignoramos completamente o fato de que a nossa dependência do cavalo cresceu quase *pari passu* com a nossa dependência do vapor. Abrimos grandes linhas de vapor e de comunicações por todo o país, mas elas precisam ser alimentadas por produtos e passageiros a cavalo. Cobrimos o oceano com grandes navios a vapor, mas eles não podem ser carregados nem descarregados sem os cavalos.¹¹

Ao longo de muitas décadas, a população equina da América cresceu mais de duas vezes mais rápido do que a população humana, de 4,3 milhões de cavalos e mulas em 1840 para 27,5 milhões em 1910. Isso

significa que a proporção de cavalos e mulas para pessoas aumentou, ao longo de setenta anos de progresso irregular, de um para cada cinco humanos para um para cada três.¹² As pessoas usavam cavalos para mover moinhos, puxar arados, andar ao lado de pequenos botes, arrebanhar gado, travar batalhas e, acima de tudo, transportar cargas. Foi necessária a combinação de três tipos de energia para substituir os cavalos no coração da economia americana. O vapor substituiu os cavalos no transporte de curtas distâncias; a energia elétrica substituiu-os no transporte urbano; e as “carruagens sem cavalo” substituíram-nos em deslocamentos rápidos.

Na maioria das vezes, há uma longa lacuna de tempo entre a invenção de uma nova tecnologia e o aumento de produtividade que ela promove. Quatro décadas após a espetacular iluminação de Lower Manhattan em 1882 por Thomas Edison, a eletricidade fizera muito pouco para tornar as fábricas do país mais produtivas. A introdução da eletricidade não era só uma questão de ligar as fábricas à rede elétrica. Envolveria uma reformulação de todos os processos de produção e a substituição de fábricas verticais por fábricas horizontais para aproveitar o máximo da nova fonte de energia.¹³

Alguns dos mais importantes aumentos na produtividade ocorrem sem muito alarde. Tanto a siderurgia quanto a agricultura testemunharam melhorias incríveis tempos depois de os comentaristas terem desistido de falar sobre a “era do aço” e a “revolução agrícola”. Os conversores a oxigênio que substituíram os fornos Siemens-Martin depois da Segunda Guerra Mundial (e que, como o nome sugere, usavam oxigênio em vez de ar) reduziram o tempo necessário para produzir um lote de aço de oito a nove horas para 35 a 40 minutos. Entre 1920 e 2000, o trabalho por tonelada de aço bruto foi reduzido em um fator de mil, de mais de três horas trabalhadas por tonelada métrica para apenas 0,003.

Algumas das melhorias mais importantes são sentidas nas comodidades do dia a dia, e não em setores econômicos como

“indústria” ou “agricultura”. Heródoto descreveu um rei egípcio a quem restava apenas seis anos de vida. “Percebendo que seu destino estava selado, [ele] mandava que lâmpadas [...] fossem acesas todos os dias ao anoitecer [...] e se divertia [...], transformando as noites em dias, e, assim, vivendo doze anos em seis.” A disseminação da eletricidade a partir de 1900 teve o mesmo efeito sobre a população americana em geral.¹⁴ Os eletrodomésticos e os alimentos processados reduziram o tempo gasto na preparação de refeições, na lavagem de roupa e na limpeza da casa de 58 horas por semana em 1900 para 18 horas por semana em 1975.¹⁵ O Bureau of Labor Statistics estimou que o leitor de código de barras hoje usado nos caixas aumentou a velocidade dos operadores no registro de uma venda em 30%, e reduziu o trabalho dos operadores de caixa e dos empacotadores entre 10% e 15%.

O LADO NEGATIVO DA DESTRUIÇÃO CRIATIVA

O lado destrutivo da destruição criativa tem duas formas distintas: a destruição de ativos físicos que se tornam desnecessários e a substituição de trabalhadores em profissões que se tornam ultrapassadas. Acrescente-se, ainda, o problema da incerteza. Junto com as velhas formas de fazer as coisas, o “vento da destruição criativa” sopra para longe antigas certezas: ninguém sabe quais ativos serão produtivos no futuro e quais não terão o mesmo destino. Novas tecnologias quase sempre trazem consigo bolhas especulativas que podem estourar, às vezes com consequências perigosas.

Em parte, por as pessoas terem medo da mudança e, em parte, por a mudança produzir tanto vencedores quanto perdedores, a destruição criativa geralmente desencadeia o que Max Weber chamou de “uma maré de desconfiança, às vezes de ódio, acima de tudo de indignação moral”.¹⁶ A forma mais óbvia de resistência vem dos trabalhadores que tentam defender seus empregos obsoletos. Antes da

Guerra Civil, os trabalhadores americanos não tinham muitas chances de se organizar porque as companhias eram pequenas; corporações de ofício elitistas definiam o mercado de trabalho; as relações se davam face a face; e as greves eram raras. Depois da Guerra Civil, à medida que grandes empresas decolavam, trabalhadores desqualificados começaram a formar sindicatos para obter salários e condições melhores. Guerras contra os chefes às vezes resultavam em violência, e frequentemente envenenavam as relações de classe.

Os sindicatos americanos eram muito mais fracos de que seus equivalentes europeus. Eram oprimidos pelas cortes judiciárias, que declaravam repetidamente a ilegalidade das associações profissionais, e prejudicados por conflitos internos, entre trabalhadores qualificados e desqualificados, imigrantes e nativos, além de vários outros grupos de interesse. Os sindicatos alcançaram um poder significativo somente na década de 1930, com uma sucessão de decisões legais pró-trabalhadores. Durante o longo período de prosperidade iniciado após a Segunda Guerra Mundial, cerca de um terço dos trabalhadores americanos do setor privado eram sindicalizados, e os sindicatos exerciam um papel importante na criação das políticas públicas. Ainda assim, a tradição individualista da América conservou seu poder. Os estados do Sul eram muito mais contrários ao sindicalismo do que os do Norte. A Lei Taft-Hartley de 1947 baniu a obrigatoriedade de filiação a sindicato como requisito para trabalhar em uma empresa. E depois da onda de desregulação que teve início nos anos 1970, as filiações aos sindicatos americanos sofreram uma grande queda. Os sindicatos não conseguiram frear o progresso durante a longa era do capitalismo gerencial que se seguiu à Segunda Guerra Mundial porque os Estados Unidos estavam colhendo os frutos da produção em massa e de tecnologias em pleno desenvolvimento, como a eletricidade. Não obstante, os sindicatos tornaram-se um forte fator limitador do crescimento quando a produção em massa precisou ser substituída pela produção flexível, e

o capitalismo gerencial por um capitalismo mais empreendedor.

A resistência pode vir tanto de titãs dos negócios quanto de barões do trabalho. Um dos grandes paradoxos da destruição criativa é que as pessoas que lucram com ela num momento podem se voltar contra ela no momento seguinte: preocupadas com a possibilidade de suas fábricas tornarem-se obsoletas ou de seus concorrentes desenvolverem produtos melhores, elas fazem tudo que podem — de pressionar o governo a apelar às cortes — com o intuito de congelar a concorrência e transformar sua vantagem temporária em permanente. Na década de 1880, Andrew Hickenlooper, presidente da Cincinnati Gas Company, além de presidente da American Gas Association, conduziu uma campanha vigorosa para defender o “medidor de gás” contra o “dínamo”. Ele coagiu as autoridades municipais a recusarem a concessão de contratos a companhias elétricas (ou, aliás, a companhias de gás rivais) e pôs em ação uma campanha de propaganda na imprensa sobre os perigos da nova tecnologia: os fios podiam causar choques elétricos fatais e incêndios capazes de destruir uma cidade.¹⁷

QUE ENTREM OS POLÍTICOS

A América se saiu melhor do que os outros países tanto no lado criativo quanto no destrutivo da destruição criativa: ela se saiu melhor na fundação e na expansão de negócios, mas também em permitir a morte lenta desses mesmos negócios quando eles fracassam. A expressão mais óbvia disso é a tolerância incomum do país em relação à falência. Muitos dos maiores empresários da América do século XIX, incluindo Charles Goodyear, R. H. Macy e H. J. Heinz, sofreram repetidas falências antes de enfim alcançarem o sucesso.

O apetite da América pela destruição criativa tem muitas raízes. O fato de o país ser tão grande tornou as pessoas mais dispostas a deixarem tudo para trás e seguirem em frente. Desde o início, o Oeste